

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



Nemésio Mendes Pinheiro da Silva, Vitorino (Praia da Vitória, 1901-Lisboa, 1978)

Escritor, professor e jornalista açoriano, também autor de diversas obras de carácter historiográfico, era natural da Ilha Terceira (Açores). Depois de passar pelos liceus de Angra e da Horta (Faial), concluiu o ensino secundário em Coimbra e aí iniciou a Universidade em 1922, no curso de Direito, transitando para o de Histórico-Filosóficas (1924) e para o de Filologia Românica (1925) e concluindo este último em 1931, já na Universidade de Lisboa, em cuja Faculdade de Letras iniciou a carreira académica (1933-1971) e se doutorou com a tese *A Mocidade de Herculano* até à volta do exílio (1934).

Foi revisor de imprensa, redactor e repórter dos jornais lisboetas *A Pátria*, *A Imprensa de Lisboa* e *Última Hora* (1920-21), do *Humanidade*, de Coimbra (1925) e colaborador de grande número de publicações, quer jornais diários, como o *Diário de Lisboa* ou o *Diário Popular*, quer revistas de relevo cultural como a *Seara Nova*, destacando-se as ligadas ao segundo Modernismo das décadas de 20 e 30 (*Byzancio*, *Tríptico*, *Presença*) ou a tendências marcantes dos anos 40 (*Cadernos de Poesia*, *Variante*, *Aventura*, *Litoral*), tendo tido coluna própria em vários órgãos (por exemplo, no semanário *Observador*, 1970-74). Fundou o “jornal republicano académico” *Gente Nova* (1927-28), a importante *Revista de Portugal* (1937-40) e dirigiu o diário *O Dia* (1975-76). A partir dos anos 40 colaborou regularmente na rádio e, em 1969, iniciou um programa televisivo (*Se bem me lembro*, RTP, até 1975) que lhe deu uma inesperada popularidade.

Depois de uma primeira viagem a Espanha (1923) - relevante por ter conhecido em Salamanca Miguel de Unamuno, com quem se viria a corresponder, e em Madrid Ortega y Gasset, a quem entrevistou então para o *Diário de Lisboa* e com quem viria a conviver em Lisboa (1942-46) - a carreira académica levou-o a ensinar em França (Universidade de Montpellier, 1934-36, de que será Doutor honoris causa, 1960), na Bélgica (Universidade Livre de Bruxelas, 1937-39) e, a partir de 1952, em várias universidades brasileiras (do Rio, de S. Paulo, da Bahia, de Minas Gerais, do Ceará, de que será honoris causa, 1965), por períodos mais ou menos longos mas sempre com grande repercussão na sua obra. Como conferencista, fez variadíssimos circuitos europeus, em especial desde os anos 50 até 1977, e ocasionalmente viajou também por África (Angola e Moçambique, 1960) e América (Canadá, 1971).

Dirigiu a Faculdade de Letras de Lisboa (1956-58) e o seu Instituto de Cultura Brasileira, foi membro da Academia das Ciências de Lisboa (sócio correspondente, 1957; efectivo, 1963), da Academia Brasileira de



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Letras, dos Institutos Históricos do Rio de Janeiro e de Brasília, foi presidente da Alliance Française de Lisboa, da Comissão Nacional do V Centenário de Gil Vicente (1965) e participante de muitas outras (do V Centenário da morte do Infante D. Henrique, 1960, da fundação de S. Paulo, 1964, da publicação de Os Lusíadas, 1972, etc.). Dos prémios que ganhou (Prémio Ricardo Malheiros, 1944, Prémio Nacional de Literatura, 1965, etc.) salienta-se o Prémio Internacional Montaigne, da Fundação F.V.S. de Hamburgo (1974).

A obra literária de Nemésio, embora abrangendo quase todas as tipologias, é sobretudo significativa pela poesia, que foi publicando, de forma mais ou menos constante, entre 1915 e 1977, com tão sensíveis clivagens estéticas e temáticas que por vezes parece pertencer a autores diferentes - veja-se, por exemplo, O bicho harmonioso (1938), Nem toda a noite a vida (1952), Limite de idade (1972) - e pela ficção narrativa, dominada pelo romance Mau tempo no canal (1944) mas incluindo também formas curtas (O mistério do Paço do Milhafre, 1949). Publicou ainda uma grande variedade de textos de índole mais ou menos cronística (que, em geral, fizeram o percurso da imprensa ou da divulgação radiofónica até à recolha em livro) que vão desde a literatura de viagens, o apontamento avulso, a meditação sobre aspectos culturais ou sociais até ao ensaio propriamente dito e a abordagens críticas da literatura e da história literária. Por outro lado, existe um conjunto de estudos resultantes de investigação académica, com especial relevo para o conhecimento da cultura e da literatura portuguesas oitocentistas, onde avultam o vasto núcleo centrado em Herculano e na cultura romântica (veja-se, por exemplo, Relações francesas do Romantismo português, 1936), e os dedicados ao Brasil, em especial O Campo de São Paulo. A Companhia de Jesus e o plano português do Brasil (1954).

Não sendo propriamente um historiador, é um facto que, tanto pelo período em que ocorreu a sua formação como pela especial atenção que sempre prestou ao mútuo condicionamento de sincronia e diacronia, é possível encontrar na obra tão dispersa em géneros e temáticas de Nemésio uma considerável presença da História em vários aspectos. Um dos mais evidentes é o segmento das biografias de figuras históricas, a primeira das quais, Isabel de Aragão, Rainha Santa, é publicada em 1936 e traduzida para espanhol em 1944. Como então diz o autor em carta a Adolfo Casais Monteiro (8.4.1936), “Às vezes sinto-me biógrafo, outras novelista, outras poeta, e até professor e filólogo sou!”, e nisso resume a hibridez de que se reveste este e outros trabalhos. Munida de uma minúscula bibliografia e de um anexo com “Documentos” retirados da obra de António Ribeiro de Vasconcelos, “meu mestre de Ciências auxiliares da História na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [...] cuja rara erudição e crítica modelar tornaram possível o tal ou qual tom de intimidade do biógrafo com uma figura de tempo tão recuado”, a obra esclarece numa nota a orientação do autor: “este livrinho é uma 'vida', ou seja, uma interpretação puramente biográfica da Rainha [...] não perdemos o pé da História, não inventámos um único personagem ou facto: a nossa invenção é puramente psicológica. Não se pode fazer uma 'vida' só com verbas avulsas dos arquivos.” (p.104). Já em Vida e obra do Infante D. Henrique (1959), Nemésio esclarece: “este livrinho mantém-se nos naturais limites de simples narrativa [...] não se lhe impunha aparato bibliográfico e erudito. Tiveram-se em vista, sim, as fontes primitivas, sobretudo as crónicas [...] Mas não pareceram indispensáveis as abonações minuciosas num texto de vulgarização,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

nem a história das questões de detalhe com as várias posições dos seus intérpretes, que embaraçaria a leitura.” (p.IV). Promete aliás retomar a matéria noutro estudo, mais consentâneo com o perfil das suas relações com a História: “num quadro de história da cultura directamente investigado sobre os textos literários e as fontes documentais do século XV. Aí analisaremos a estamentação das classes, os ideais de vida, a estrutura mental da época e seus conteúdos.” (p.VI). Esta perspectiva adequa-se ao que considerou o impulso decisivo, na época da sua formação coimbrã, para procurar “uma História em geral, omnicomprensiva do mundo e especulativamente convidada a analisar as distinções e ambiguidades entre natureza e cultura, necessidade e liberdade, homem e mundo - em suma a 'razão histórica' que só mais tarde me formularam Dilthey e Ortega y Gasset” (“Última Lição”, p. XXVI), mas não “a certas operações de micro-história a que tenho procedido em estudos meus” (ibid., p. XXVII), citando como exemplo a sua tese sobre Herculano. Quanto a O Campo de São Paulo, o autor elucida no “Prefácio”: “esta obra não arranca de investigações pessoais de arquivo, - nem sequer, em rigor, de uma elaboração histórica que se diga de primeira mão.”(p.X) É antes uma “narrativa global dos acontecimentos” que envolvem a fundação da cidade como parte de um amplo projecto: “determinar a origem e o sentido da ocupação humana do Brasil, desde os intermitentes afloramentos da costa que se seguiram ao descobrimento por Pedro Álvares Cabral, em 1500, até ao primeiro estabelecimento estável efectuado no sertão, no planalto vicentino, em 1553-1554, pelos jesuítas obedientes ao Pe. Manuel da Nóbrega” (p.X). Para tal, Nemésio propõe-se “Historiar conexamente o surto da Companhia e do Brasil na primeira metade do século XVI” e delimita a sua competência: “este livro, em tudo o que excede o âmbito da acção dos jesuítas no Brasil é estritamente tributário da bibliografia clássica no assunto. [...] Desaconselhando a índole narrativa deste livro aparatos de rodapé, limitámo-nos a marcar, em envios ao fim do volume, os cambiantes essenciais de fontes de informação historiográfica e algumas escassas minudências.” (p.XII). A sua proposta parte das Cartas Jesuíticas editadas pela Academia Brasileira de Letras, que lera e anotara nos tempos de estudante: “procurei trabalhar o mais possível directamente sobre o epistolário dos Padres e Irmãos, preferindo fazê-los falar a eles mesmos dos seres e das coisas da sua formidável experiência a narrá-la eu por minha conta.[...] É cómodo ser bom escritor à custa de comas e de itálico...” (p.XIII). No prefácio à 3a edição (1971) lamenta “não ter vagar para refundir o trabalho”, prolongando-o até à fundação do Rio de Janeiro, “cujo IV centenário (1965) celebrei na Ode ao Rio” (p.XV), o que é significativo da peculiar relação de Nemésio com a História: o estudo e a poesia servem idêntico propósito de celebração da actividade humana. A obra arranca com a biografia do fundador (“Tem sido contada mil vezes a vida de Santo Inácio de Loyola”, p.3), confirmando o que, para Nemésio, é a principal funcionalidade da dimensão histórica: para entender os fenómenos há que entender os homens, e a biografia dos “vultos” ou “figuras” (termos usados nalgumas pastas do espólio) é o que verdadeiramente lhe interessa, como o perfil de Herculano exemplifica, fundindo literatura, história e cultura na relação do homem com o tempo (“Se pudéssemos retratar o homem de carne e osso tal como o tempo o esculpia ao menos de dez em dez anos, teríamos ao longo dos clichés toda a sua história íntima.”, A mocidade de Herculano, p.54).

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bibliografia activa: NEMÉSIO, Vitorino. Isabel de Aragão, Rainha Santa. 2a ed. Lisboa: Edições Panorama, 1960; Vida e obra do Infante D. Henrique. “Colecção Henriquina”. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações da Morte do Infante D. Henrique, 1959; O Campo de São Paulo. A Companhia de Jesus e o plano português do Brasil. 3a ed. Lisboa: Secretaria de Estado da Informação e Turismo, 1971; “Última lição” in AAVV. Miscelânea de Estudos em Honra do Prof. Vitorino Nemésio. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971, pp. XVII-XLI; A Mocidade de Herculano até à volta do exílio. 2a ed., nota preambular e esboço bio-bibliográfico de David Mourão-Ferreira. Lisboa: Bertrand, 1978, 2 vols.; Obra Completa. Lisboa: INCM / Lajes do Pico: Companhia das Ilhas (em curso de publicação);

Bibliografia passiva: AAVV. Vitorino Nemésio - A Rotação da Memória. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001 (disponível em <https://purl.pt/161/1/memoria/index.html>)

Fátima Freitas Morna